A GESTÃO DE CUSTOS E FORMAÇÃO DE PREÇOS EM MICRO E PEQUENAS METALÚRGICAS DE TERESINA.

Autor: Vicente Oliveira Miranda Filho[1]
Orientador: Antônio Carlos Oliveira Silva[2]

Resumo

Devido à importância da Administração Financeira para o sucesso empresarial, pois para isto é preciso cada vez mais o uso de práticas financeiras apropriadas e sendo a Administração de Custos uma das práticas financeiras importantíssima para a apuração, analise e controle de custos na geração de informações para subsidiar as tomadas de decisões como precificação, definição de carteira de produtos e serviços, bem como a avaliação econômica de novos projetos de investimentos. Esta pesquisa foi realizada nos meses de fevereiro a junho de 2015 tem como objetivo analisar a gestão de custos e formação de preços em micro e pequenas metalúrgicas de Teresina seguindo as orientações da Gestão de Custos. Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa junto a 25 empresas do segmento de metalurgia de Teresina. Concluiu-se que a maioria das empresas não possui um departamento para contabilidade e gestão de custos sendo o diretor administrativo/financeiro o responsável pelos registros dos custos com a agravante improvisação dos registros dos custos e sem o auxílio de ferramentas apropriadas para a gestão de custos e formação do preço de venda, este é negociado muitas vezes caso a caso durante a transação comercial com o cliente. O método de custeio identificado com maior aplicabilidade foi o custeio por absorção e a análise dos custos é feita em períodos maiores que seis meses, chegando até 12, e que a definição do lucro se dá pela sobra de caixa.

Palavras-chave: Gestão de Custos; Preços de Venda; Metalúrgica; Metalmecanico.

Abstract

Due to the financial management importance for business success we must increase the application of appropriate financial practices and being the administration costs one of the most important financial practice to calculate, analyze and control costs in the generation of information to support decision making such as pricing, portfolio definition of products and services as well as the economic evaluation of new investment projects. This research was accomplished from February to June 2015 and it has the aims to analyze cost management and pricing in micro and small metallurgical in Teresina following the guidelines of Cost Management. To develop this work was carried out a survey in 25 companies from Teresina metallurgy segment. It was concluded that most companies do not have a department for accounting and cost management and the administrative / financial officer responsible for the cost records who improvises seriously the costs records and without the aid of appropriate tools for cost management and training of the sales price, this is often negotiated on a case during the business transaction with the customer. The costing method identified more applied was the absorption costing and the costs analysis is made in periods longer than six months, reaching up to 12 months, and the profit definition is made by the cash waste.

Word-keys: Cost Management; Sales price; metallurgy; mechanicalmetal.

[1] Graduado em Administração de Empresas pela Associação de Ensino Superior do Piauí – Aespi.
[2] Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade Federal do Piauí – UFPI.

1. Introdução

A necessidade de conhecer e controlar os custos dos produtos e serviços são imprescindíveis para toda e qualquer empresa independentemente de seu porte estrutural e financeiro. Ora, a necessidade de conhecer algo somada à necessidade de manter e/ou controlar algo nos remetem ao conceito de Gestão que segundo o minidicionário Aurélio Escolar (2001) significa o Ato ou efeito de gerir; Gerência. Ainda sobre o significado de Gestão, no site www.dicio.com.br[3] encontramos: Administração; ação de gerir, de administrar, de governar ou de dirigir negócios públicos ou particulares.

Martins (2003, p. 17) define sucintamente Custo como gasto relativo à bem ou serviço utilizado na produção de outros bens ou serviços. O autor afirma que o custo é também um gasto. A definição de custo se estende até o momento da utilização dos fatores de produção (bens e serviços), para a fabricação de um produto ou execução de um serviço.

De forma lógica é possível concluir que o custo para a produção de um produto ou execução de um serviço afetará o preço de venda. Logo, destaca-se a importância do gerenciamento de informações relacionadas a produção/execução do Produto[4], pois quanto mais se gasta para produzir um Produto, maior será seu preço final ao consumidor. Santos (2001, p. 162) ensina que a apuração, análise e controle de custos geram informações necessárias à tomada de decisões, como precificação, definição da carteira de produtos e serviços, além da avaliação econômica de novos projetos de investimento.

Cogan (2013, p. 1) diz que a questão da determinação dos custos dos produtos e serviços, os esforços para reduzi-los e a conseqüente tomada de decisão empresarial que torne a empresa mais competitiva há décadas vêm desafiando executivos e acadêmicos.

Ora, não resta dúvida sobre a essencialidade de se adotar na empresa a prática da Gestão de Custos. Para as Faculdades Bom Jesus (2002, p. 50):

> A institucionalização nas empresas de uma transformação comportamental alicerçada na prática efetiva de nova cultura de custos, consubstanciada em técnicas modernas de produção e de administração de recursos financeiros e humanos, é o caminho mais eficaz para a boa gestão de custos. Em qualquer circunstância, é sempre possível conter custos, seja pela racionalidade das tarefas, pelo combate implacável aos desperdícios e pela eliminação dos supérfluos.

[3] Acessado em 28/02/2015.
[4] Produto: (Bem ou Serviço)

Segundo consulta realizada no site Empresômetro MPE[5], a indústria metalomecânica de Teresina possui 230 MPE's[6] ativas distribuídas em duas atividades econômicas, a saber: Fabricação de esquadrias de metal, 189 e Fabricação de estruturas metálicas, 41.

Enfatiza-se a definição de Microempresa e Pequena Empresa. Microempresas são as organizações que auferem em cada ano calendário receita bruta igual ou inferior a R$ 360.000,00. E as empresas de Pequeno Porte são aquelas com receita bruta anual superior a R$ 360.000,00 e igual ou inferior a R$ 3.600.000,00. (SIMPLES NACIONAL)

A indústria metalomecânica:

> É referida pelo nome de **indústria metalomecânica** (ou indústria metalomecânica ou **metalúrgica**, podendo ser ainda conhecida como metalurgia mecânica) uma determinada área da indústria dedicada a todos os segmentos responsáveis pela produção e transformação de metais. Por sua vez, a indústria metalomecânica compreende os setores de usinagem, estamparia, forjaria, montagem, controle de qualidade, além de outros setores, dependendo da área coberta pela empresa em particular. (INFOESCOLA.COM)

Com o propósito de identificar e relatar as principais dificuldades dos gestores das MPEs do setor indústria metalomecânica de Teresina na gestão de custos e formação de preços de venda espera-se que esse trabalho contribua no despertar do empresário para implantar em sua empresa a prática de Gestão de Custos. Espera-se, ainda, que seja um veículo de orientação às pessoas que tenham interesse no setor metalúrgico e que sirva também como base de consulta para as organizações que têm essas empresas como clientes.

2. Gestão de custos

Existe no meio acadêmico uma confusão terminológica de Custos, e para o desenvolvimento deste trabalho adotou-se o proposto por Martins (2003, p.17), que define a seguinte terminologia em custos industriais:

> a) Gasto – Compra de um produto ou serviço qualquer, que gera sacrifício financeiro para a entidade (desembolso), sacrifício esse representado por entrega ou promessa de entrega de ativos (normalmente dinheiro)
> b) Desembolso – Pagamento resultante da aquisição do bem ou serviço.
> c) Investimento – Gasto ativado em função de sua vida útil ou de benefícios atribuíveis a futuro(s) período(s).
> d) Custo – Gasto relativo a bem ou serviço utilizado na produção de outros bens ou serviços.
> e) Despesa – Bem ou serviço consumido direta ou inderetamente para a obtenção de receitas.
> f) Perda – Bem ou serviço consumidos de forma anormal e involuntária.

[5] Empresômetro MPE: ferramenta tecnológica de análise de dados idealizada pelo IBPT – Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação.
[6] MPEs – Micro e Pequenas Empresas.

Seguindo a proposta conceitual de Martins (2003, p.19) só usaremos a palavra Custo para gastos relativos a consumo na produção. Gastos que se destinam às fases de administração, esforço de vendas e financiamento serão chamados de Despesas.

A Contabilidade de custos possibilita a apuração de custos com base na técnica contábil. Trata-se de uma extensão da contabilidade tradicional. Pelo fato de ser comum as MPE's não possuírem um sistema de Contabilidade de Custos sua apuração se dá extracontábil como afirma Santos (2001, p. 163):

> Mesmo que a empresa não possua um sistema de Contabilidade de Custos nos moldes tradicionais – como acontece na maioria das empresas de pequeno e médio porte -, é possível apurar seus custos por meio de sistemas de custeio especiais.
> A apuração extracontábil de custos pode produzir as informações de custo para apoio à tomada de decisão na empresa quando ela não dispõe da Contabilidade de Custos tradicional.

As palavras do autor embasam a comprovação de que na maioria das MPE's - e ele inclui as empresas de médio porte -, não existe a utilização de um sistema de Contabilidade de Custos, ao que é possível concluir que também não exista uma Gestão de Custos adequada.

2.1 Classificação dos custos

Ao se falar em custos é comum sua classificação em fixos ou variáveis, e esta classificação está relacionada à manutenção ou variação da produção ou ao tipo de negócio. Carioca (2012, p. 22 e 23) diz que custos fixos são aqueles que permanecem inalterados dentro de uma faixa de oscilação do volume de atividade e que custos variáveis são os custos que aumentam ou diminuem na mesma proporção do aumento ou diminuição do objeto que está em análise. Os custos variáveis se alteram diretamente com o volume de produção, enquanto os custos fixos permanecem inalterados independentemente do volume de produção. Há ainda os custos mistos que são aqueles que têm um componente fixo e um componente variável.

Quanto ao comportamento dos custos Cogan (2013, p.5), afirma:

> Enquanto os custos variáveis aumentam ou diminuem com a quantidade produzida, o custo variável unitário se mantém inalterado. O autor afirma também que enquanto os custos fixos permanecem iguais independentemente de aumento ou diminuição na quantidade produzida, o custo fixo unitário variará, aumentando ou diminuindo.

A classificação dos custos estende-se além de custos fixos e variáveis. Santos (2001, p.166) apresenta mais classes de custos, cita-se:

> a) Custo marginal - é o aumento sofrido pelo custo total (custo fixo mais custo variável) diante da produção ou venda de uma unidade adicional.
> b) Custo direto – alguns custos são exclusivos de determinados produtos ou serviços.

c) Custo indireto – determinados gastos são compartilhados por mais de um produto, serviços ou departamento
d) Custo histórico – significa o valor original de aquisição dos insumos utilizados na fabricação de produtos ou prestação de serviços.
e) Custo de reposição – é o atual valor de mercado dos insumos adquiridos no passado para fabricação de produtos ou prestação de serviços.
f) Custo afundado – é um custo desembolsado no passado e que por isso não é afetado por decisões posteriores.
g) Custo incremental – é o gasto que existirá se uma determinada decisão for tomada.
h) Custo-oportunidade – a maioria dos gastos de produção ou operação são explicitos e sua identificação é imediata.
i) Custo contábil – é o custo apurado pela contabilidade das empresas ou mesmo por sistemas de apuração extracontábil não incluindo o custo-oportunidade do investimento e de outros elementos.
j) Custo econômico – é quando ao custo contábil adicionamos o custo-oportunidade do investimento.

2.1.1 Apuração de custos

As empresas realizam a apuração de custos por motivos contábeis e fiscais ou para alicerçar a tomada de decisão. A empresa que apura seus custos por motivos contábeis e fiscais deve utilizar-se de uma metodologia de apuração padronizada e inflexível, pois ela é obrigada a obedecer às exigências da lei. Esse método é chamado de custeio por absorção integral. Santos (2001, p.171) diz que o método de apuração de custos para fins contábeis e fiscais é denominado custeio por absorção integral.

Quando a empresa apura os custos com fins gerenciais, ou seja, unicamente para a tomada de decisão, é possível uma grande flexibilidade na apuração, desse modo a empresa pode utilizar-se de alguns métodos para apuração de custos. A empresa tem liberdade de utilizar o método que achar mais apropriado, os principais métodos são: custeio direto, custo-padrão, custeio RKW e custeio ABC.

2.1.2 Custeio por absorção

A Contabilidade de Custos se dispõe do método custeio por absorção integral para apurar o resultado contábil. Esse método é baseado na aplicação dos princípios contábeis obedecendo a legislação societária e fiscal.

Santos (2001, p. 171) ensina que o custeio por absorção integral segue uma rotina de apuração. Resumidamente a ordem dessa rotina é:

1) Todos os gastos relacionados com a produção, sejam eles fixos ou variáveis, são tratados como custo dos produtos vendidos;
2) O lucro bruto do período é dado pela receita liquida de vendas subtraida dos custos dos produtos vendidos;
3) O lucro bruto menos os gastos do período fornece o lucro antes dos impostos e contribuições sobre a renda;
4) Caso a produção do período não seja totalmente vendida, os produtos em estoque devem ser transferidos para o período seguinte. O valor desses produtos em

> estoque será formado por parcelas de custo direto (matéria-prima, materiais etc.) e de custo indireto (depreciação etc.);
> 5) Escolha arbitrária do critério de rateio de custos indiretos através dos produtos ou serviços e sua questionabilidade.

Santos relaciona os principais critérios para rateio de custos indiretos, sendo eles: mão-de-obra direta; quantidade produzida; área utilizada; consumo de energia elétrica; valor do investimento na linha de produção; consumo de matéria-prima; preço de venda do produto; homem-hora utilizado; e uma combinação dos critérios anteriores.

Devido à livre arbitragem na escolha do critério de rateio dos custos indiretos através dos produtos ou serviços e como diversos fatores relacionam-se com o processo de produção ou operação, pois a escolha de um critério de rateio baseia-se em alguma relação existente entre o custo indireto e algum fator vinculado ao processo de produção ou operação, qualquer critério de rateio adotado é questionável.

2.1.3 Custeio direto

No custeio direto ou custeio variado apenas os gastos variáveis, custos e despesas, são considerados custos dos produtos vendidos. Ou seja, os gastos fixos não compõem o custo dos produtos vendidos, pois são considerados despesas e registrados contra o resultado do período. Aqui a receita liquida de vendas menos o custo variável dos produtos vendidos é igual à margem de contribuição. E esta, menos os gastos fixos nos dá o lucro antes dos impostos e contribuições sobre a renda.

Santos (2001, p. 173) afirma:

> A premissa básica do custeio direto é que somente os gastos variáveis decorrem da fabricação do produto. Os gastos fixos refletem a capacidade de produção existente e independente do volume desta.
> Quando a empresa utiliza o custeio direto, o valor da produção não é vendido e mantido como estoque é formado apenas por gastos variáveis. O resultado contábil das empresas não pode ser apurado com base no custeio direto. Esse método de custeio só pode ser empregado com objetivos gerenciais.

2.1.4 Custo padrão

O custo-padrão assemelha-se a uma meta a ser atingida pela empresa, pois sua sistemática consiste na apuração dos custos efetivos e sua comparação com os custos previamente estabelecidos como padrão para a empresa, ou seja, trata-se de uma projeção dos custos futuros baseados nos custos efetivos de determinado período passado.

O sistema de custo-padrão tem como finalidade principal servir como instrumento de controle, pois ele permite o acompanhamento da eficiência produtiva ou operacional da empresa e de seus departamentos, com a comparação do custo efetivo (custo real) com o

custo-padrão. Cogan (2013, p. 35) explica que os custos-padrão são parâmetros baseados em referências (padrões) projetados para definir:

> 1. A quantidade de recursos da atividade que devem ser consumidos por produto ou outra unidade de produção
> 2. O preço desses recursos. É possível estimar custos para diferentes níveis de produção e atividades com base em padrões estabelecidos para quantidades e preços.

Para o levantamento do custo-padrão é preciso estudos técnico-econômicos. Estudos de engenharia pode nos dar a quantidade-padrão de materiais, já a relação dos preços dos fornecedores nos dará o preço-padrão desses materiais. E o estudo de tempos e movimentos pode alicerçar a determinação da quantidade-padrão de horas de mão de obra. O importante é que para a determinação do custo-padrão na empresa sejam adotados padrões que representem procedimentos operacionais eficientes e alcançáveis, pois como dito anteriormente, o custo-padrão assemelha-se a uma meta a ser atingida.

2.1.5 Custeio RKW

O sistema de custeio RKW, sigla para *Reinchskuratorium fuer Winrtschaftlichtkeit*, surgido na Alemanha no começo do século XX é uma variação do sistema de custeio por absorção integral. Esse sistema é conhecido como Método de Custeio Pleno, pois as despesas são apropriadas ao custo dos produtos. Em outras palavras, as despesas de administração e vendas são incorporadas aos custos dos produtos. Isso não acontece no sistema de custeio por absorção.

Santos (2001, p.176) categoricamente afirma que o custeio RKW é tipicamente um método de apuração de custos para fins gerenciais e que não pode ser utilizado para fins de avaliação de estoques e apuração de resultados. O autor vai mais além afirmando que os sistemas de custos gerenciais existentes em muitas empresas brasileiras usam o custeio RKW, porém com outra denominação. Para tanto, o autor explica: "[...] sempre que uma empresa fixar seus preços com base nos custos estará empregando alguma variante do custeio KKW, já que as despesas também são tratadas como custos dos produtos".

2.1.6 Custeio ABC

O custeio ABC (Activity Based Costing), custeio baseado em atividades, tem foco nas atividades desenvolvidas na produção do produto ou na prestação de algum serviço. Segundo (ANDERSEN; BRUNI apud 2010, p.53) é uma metodologia que mensura o custo e o desempenho de atividades, recursos e objetivos de custeio.

Segundo Martins (2003, p. 60) [...] “O Custeio Baseado em Atividades, conhecido como ABC (Activity Based Costing), é uma metodologia de custeio que procura reduzir sensivelmente as distorções provocadas pelo rateio arbitrário dos custos indiretos”.

O custeio ABC difere do custeio tradicional pela forma de acumulação dos custos. Enquanto o custeio tradicional acumula os custos por função ou departamento para depois rateá-los entre os produtos através de um fator volumétrico de medição o custeio ABC acumula os custos por recursos e as atividades de produção. Ou seja, enquanto o primeiro focaliza os produtos o segundo focaliza os recursos e as atividades de produção.

Santos (2001, p. 177) afirma que nos sistemas tradicionais de apuração de custos, a distribuição dos custos indiretos pelos produtos ou serviços é realizada de modo simplista, por rateios baseados, principalmente, no volume de produção ou operação. O autor afirma, também, que o rateio nos custos indiretos com base no volume de produção acarreta distorções nos custos apurados, pois os custos indiretos nem sempre estão relacionados com a produção.

O custeio ABC apresenta alguns benefícios a empresa que segundo Santos (2001, p.177) são:

> Permite às empresas obter maior precisão na apuração dos seus custos, pois elimina as distorções causadas pelos rateios simplistas efetuados pela Contabilidade convencional.
> Auxilia na identificação de custos tidos como “ocultos” pelos sistemas de custeio tradicional;
> Possibilita a identificação de atividades que não agregam valor, o que é de grande utilidade no processo de redução de custos.
> Permite que a empresa identifique quais são seus processos efetivamente lucrativos.

Cogan (2013, p.44) diz que um dos benefícios obtidos com o ABC é o de permitir uma melhoria nas decisões gerenciais, pois se deixa de ter produtos subcusteados ou supercusteados, permitindo-se a transparência exigida na tomada de decisão empresarial. Decisões quase sempre voltadas à otimização da rentabilidade do negócio. O método ABC possibilita tomar ações para o melhoramento continuo das atividades de redução dos custos/despesas indiretas.

2.2 Formação do preço de venda

A formação de preço de venda é diretamente influenciada pelo custo. Logo, é fundamental na administração de uma empresa a Gestão de Custos. É prática comum, principalmente no mercado varejista, calcular o preço de venda de determinado produto, serviço pela definição de preço do mercado. Neste caso a decisão de preço de venda foi

determinada por uma ação de marketing. Contudo é importante frisar que a decisão de preços é de cunho predominante econômico-financeiro.

O aspecto econômico-financeiro da decisão do preço de venda reforça a necessidade da gestão de custos na organização e, também, a qualidade ou a carência de informações de custo no ambiente corporativo. Santos (2001, p.163) afirma:

> A qualidade das informações de custo não condiz com sua importância em muitas empresas. Freqüentemente, essas informações são inadequadas para apoio à tomada de decisão. Em parte, o problema de informação de custo insatisfatória é explicado pela metodologia utilizada para produzi-la, ainda muito voltada para o atendimento de objetivos legais e fiscais.

2.3 Setor metal mecânico

As empresas que desenvolvem atividades ligadas ao setor metal mecânico promovem relevante participação na cadeia produtiva brasileira. A riqueza mineral de nosso País aliada ao alto grau de desenvolvimento dessas empresas industriais de transformação faz do Brasil uma referência na fabricação de produtos para os mais diversos segmentos da econômica.

As indústrias que têm como atividade principal a produção de bens e serviços obtidos através da transformação dos metais são consideradas membros do Macro Complexo Metal Mecânico. Essas empresas constituem um conjunto amplo e diversificado de setores, cuja principal característica é a contemplação de tecnologias baseadas em conhecimentos e técnicas, relacionados com a produção, processamento e utilização de metais, especialmente o ferro, o alumínio e o aço, e outros tipos de ligas metálicas.

Na cidade de Teresina a atividade econômica do setor metalmecanico mais explorada são do segmento de metalúrgica compreendendo a fabricação de esquadrias de metal e a fabricação de estruturas metálicas. O porte das empresas varia de microempresa à empresa de pequeno porte, contando em média com 5 (cinco) funcionários para as microempresas e 15 funcionários para as empresas de pequeno porte.

3. Metodologia

O desenvolvimento desta pesquisa se deu utilizando a definição de Vergara (2000) que classifica uma pesquisa quanto aos seus fins e aos seus meios. Quanto aos fins esta pesquisa é classificada como exploratória e descritiva. Exploratória porque visa ampliar o conhecimento sobre gestão de custos e formação de preço em pequenas metalúrgicas e descritiva porque se pretendeu descrever as razões que levam os gestores de micro e pequenas empresas do segmento metal mecânico de Teresina a não planejarem seus custos para embasar a formação dos preços de venda.

Quanto aos meios, esta é uma pesquisa de campo desenvolvida nas metalúrgicas teresinenses de pequeno porte através da coleta de dados e registro de opiniões dos gestores quanto à importância da gestão de custos e formação dos preços de venda em sua empresa.

Para a constituição do universo da pesquisa[7] foram consideradas apenas empresas sediadas na cidade de Teresina, tendo como a atividade econômica principal a fabricação de esquadrias de metal e a fabricação de estruturas metálicas cadastradas no website Empresômetro MPE[8], ferramenta desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT). O que totalizou 230 empresas, como mostra a tabela 1.

Tabela 1: **Universo e amostra da pesquisa**

Atividade Econômica	**Universo**	**Amostra**
Fabricação de esquadrias de metal	189	16
Fabricação de estruturas metálicas	41	9
Total	**230**	**25**

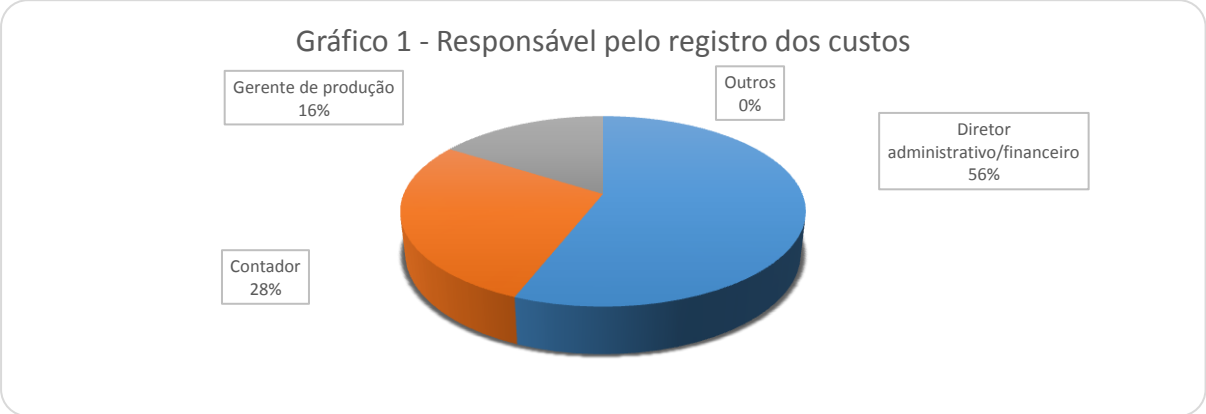
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Para o cálculo amostral foi considerado uma população de 230 empresas, uma margem de erro de 10%, e nível de segurança de 90%, concluindo a amostra necessária em 53 empresas. Contudo, a amostra se deu pelo recebimento dos questionários consoante distribuição apresentada na Tabela 1. Do total de questionários enviados apenas 25 foram recebidos, ou seja, 10,87% do universo. A tabulação e análise dos dados foram realizadas através da ferramenta Microsoft Excel 2013, utilizando-se, para isso, suas soluções avançadas tais como tabelas e gráficos dinâmicos.

4. Apresentação e discussão dos resultados

[7] http://empresometro.cnc.org.br/Estatisticas#, item 57 e 191 da tabela, acessado em 05/04/2015.
[8] Ferramenta desenvolvida especialmente para a Confederação Nacional do Comércio (CNC) e o Fórum das Micros e Pequenas Empresas.

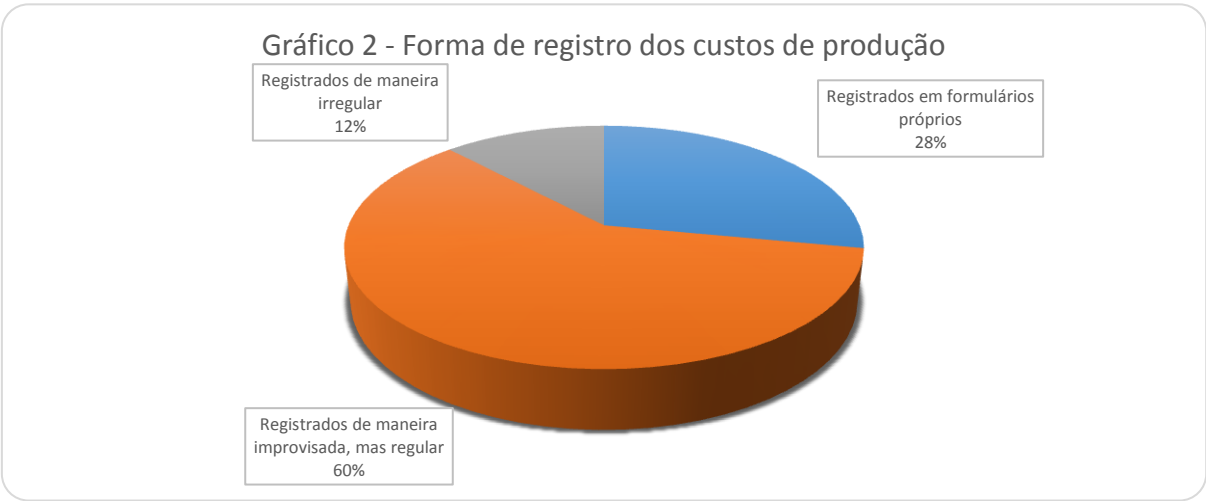
Com relação a existência de uma unidade organizacional (departamento) responsável pela contabilidade e gestão de custos na empresa, 32% dos respondentes afirmaram possuir e 68% afirmaram não possuir. Verificou-se, na maioria dos entrevistados, o argumento de que não é compensatório para a empresa manter um departamento exclusivo para a gestão de



custos e que as informações contábeis são Quanto ao responsável pelo registro dos custos, 56% informaram ser o diretor administrativo/financeiro, 28% afirmaram ser o contador, e 16% afirmaram ser o gerente de produção. Não foi computado nenhum outro tipo de profissional responsável pelo registro dos custos. Vide gráfico 1.

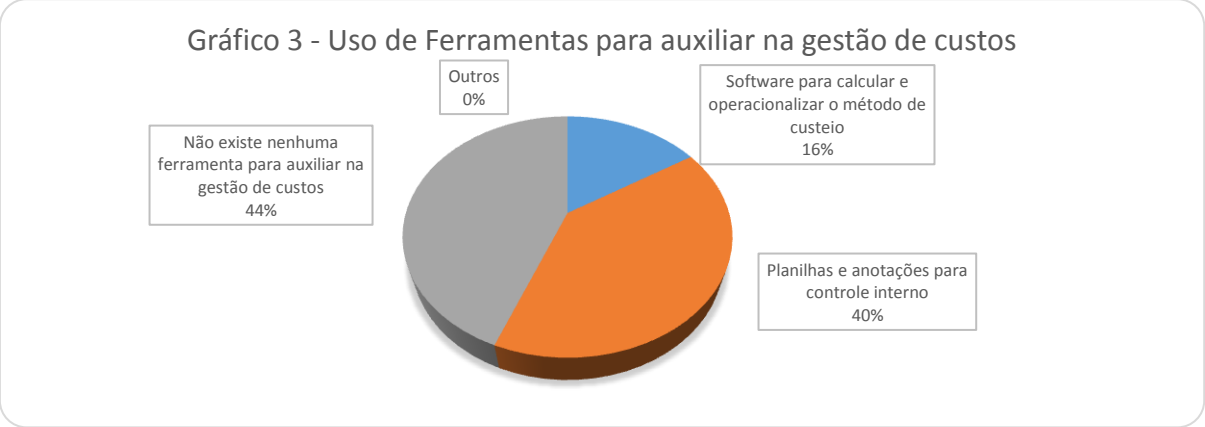
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Ainda sobre os registros de custos, afim de identificar a forma de como se dá o registro dos custos de produção questionou-se as empresas e obteve-se os seguintes resultados: 60% das empresas registram seus custos de produção de maneira improvisada mas regular, 28% registram em formulários próprios e 12% registram seus custos de produção irregularmente. Conforme gráfico 2 abaixo.



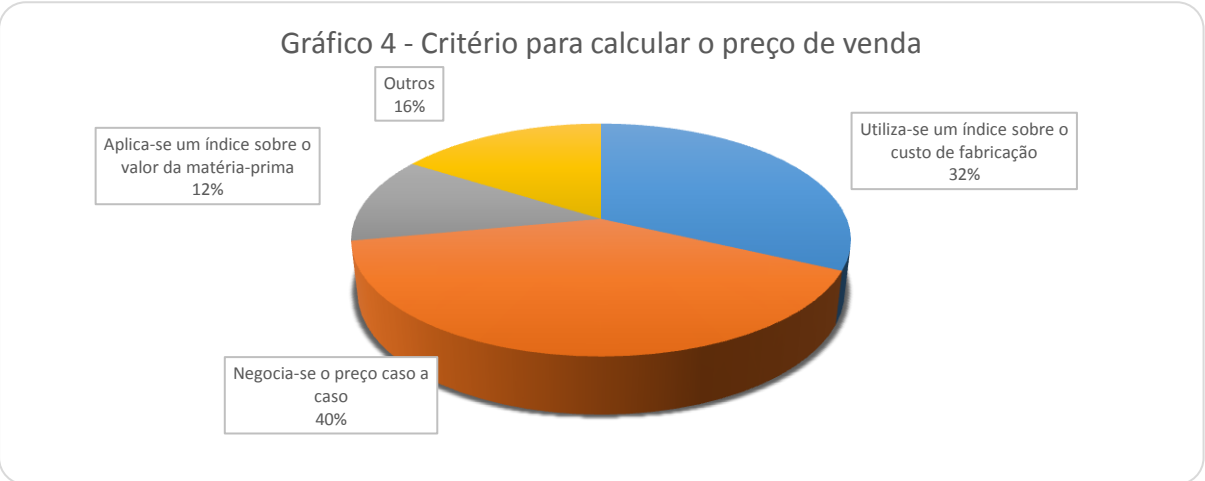
Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Quando questionadas sobre o uso de ferramentas para auxiliar na gestão de custos, sejam elas software apropriado ou planilhas eletrônicas, 44% afirmaram não possuir nenhuma ferramenta para auxiliar na gestão de custos, 40% afirmaram utilizar planilhas e anotações para controle interno e 16% afirmaram utilizar um software para calcular e operacionalizar o método de custeio. Vide gráfico 3.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Afim de identificar qual o critério utilizado pelas empresas para calcular o preço de venda elaborou-se uma interrogativa a respeito e fora obtido os seguintes dados: 40% das empresas negociam o preço de venda caso a caso, 32% utilizam um índice sobre o custo de fabricação, 12% disseram que aplicam um índice sobre o valor da matéria-prima e 16% afirmaram utilizar-se de outros critérios. Conforme gráfico 4.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

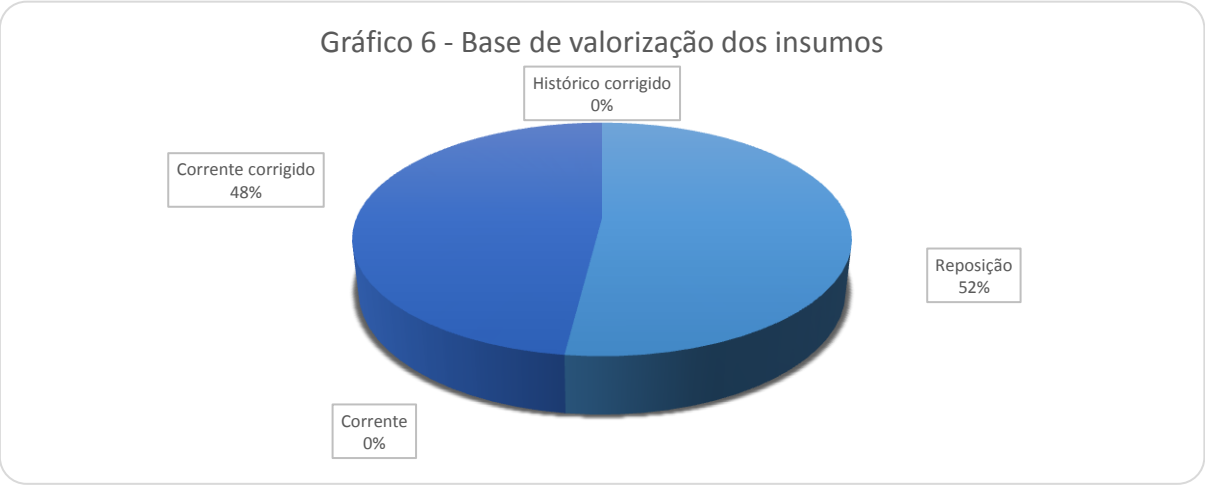
Em sequência indagou-se sobre o critério utilizado para calcular o preço de venda a prazo, 72% afirmaram que negociam os valores e prazos caso a caso, 16% acrescentam

encargos financeiros sobre o valor de venda e 12% afirmaram manter o mesmo preço de venda à vista, ou seja, não cobram a mais para o cliente. Vide gráfico 5.

Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

É pertinente observar que quanto ao critério para calcular o preço de venda a prazo, nos três tipos de respondentes, algumas empresas afirmaram manter o preço de venda à vista para determinados clientes, elas justificam que se tratam de clientes antigos, em outras palavras, clientes fidelizados.

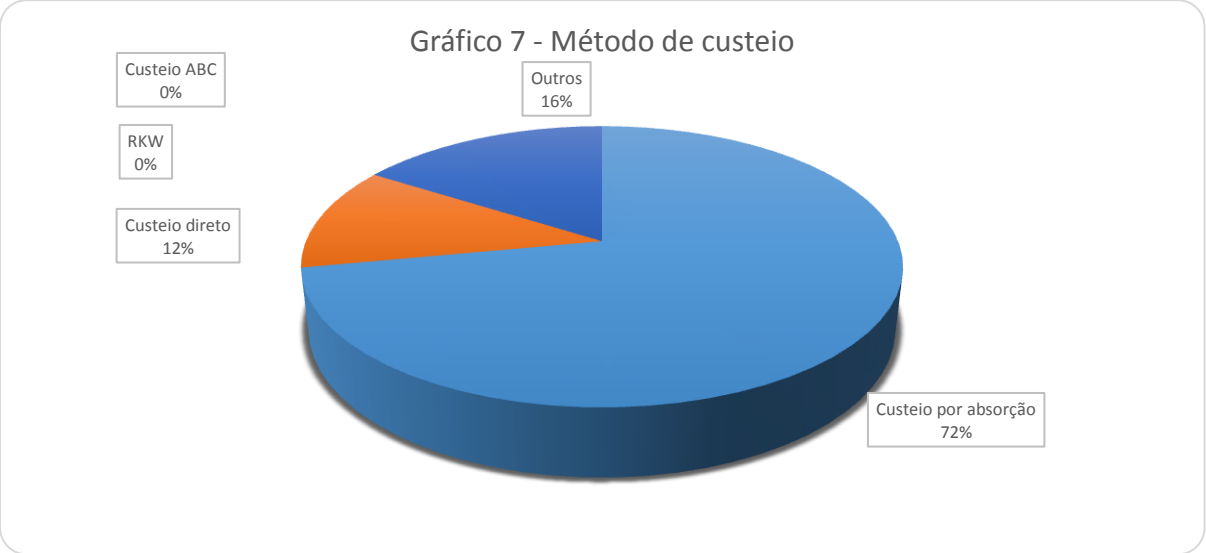
Sobre a base de valorização dos insumos utilizadas pelas empresas verificou-se "quase um empate técnico" entre o [9]custo de reposição com 52% e o [10]custo corrente com 48% das empresas respondentes. Não foram computadas respostas para as outras bases de valorização dos insumos. Conforme gráfico 6.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

[9] Custo de reposição é o método para determinar o valor de estoques com base no custo da compra seguinte.
[10] Custo corrente trata-se de uma medida apropriada para se estabelecer o "Far Value", valor justo, do ativo.

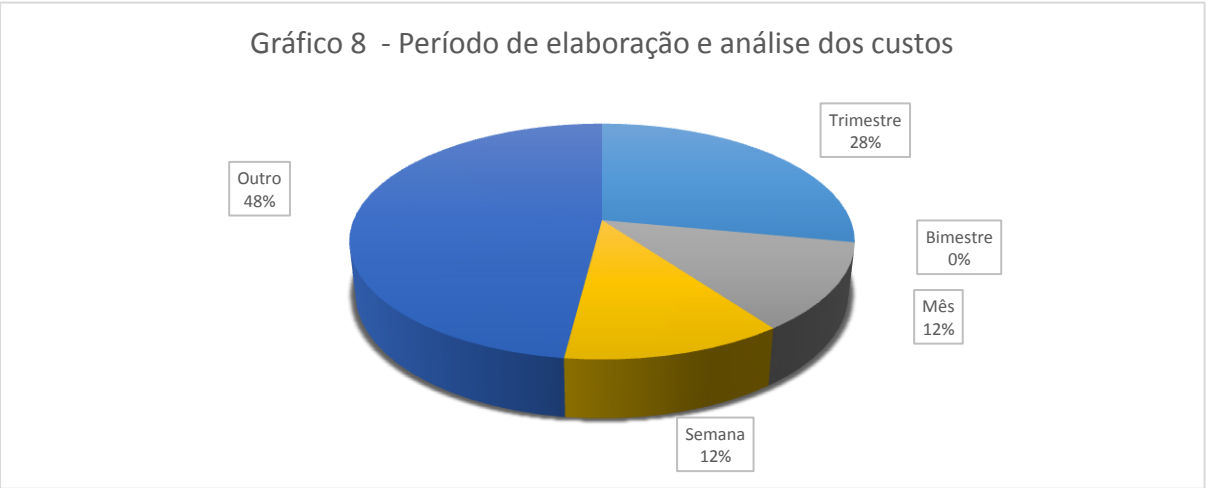
Pertinente ao método de custeio utilizado na produção 72% das empresas respondentes afirmou utilizar o método custeio por absorção, 12% o custeio direto e os 16% restantes afirmaram utilizar-se de outros métodos. Vide gráfico 7.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

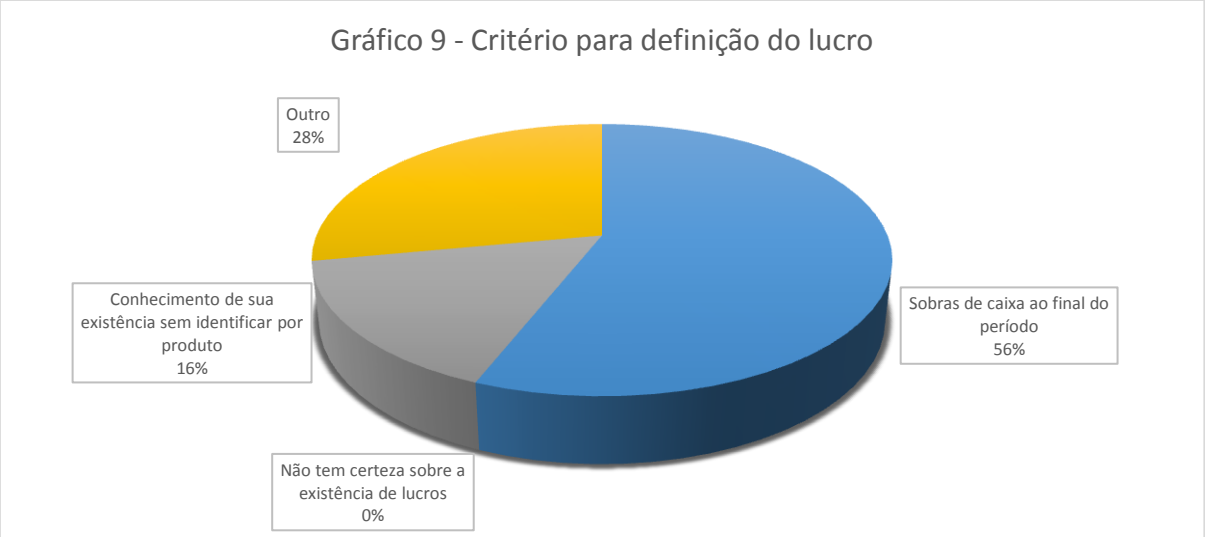
Apesar de não haverem dados computados para o método de Custeio ABC pode-se afirmar que as empresas que responderam Outros utilizam o método de Custeio ABC em sua forma empírica, pois elas conhecem o processo, as atividades e os recursos necessários para a execução da produção e fazem o direcionamento dos custos das atividades.

Quanto a atividade de elaboração e análise de relatórios de custos para a tomada de decisões 28% afirmaram fazer trimestralmente, 12% mensalmente, 12% semanalmente, e 48% afirmaram Outros. Nesta categoria foi predominante o período de 12 meses, salvo alguns respondentes que afirmaram fazer os relatórios e análise dos custos a cada semestre. Vide gráfico 8.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

Para a definição dos lucros 56% das empresas respondentes utilizam o critério de sobras de caixa ao final do período, 16% dizem que toma conhecimento de sua existência, mas não identifica qual produto de maior contribuição e 28% dizem que utilizam outros critérios, mas comumente a adoção de um índice que chega até 20% do faturamento mensal. Vide gráfico 9.



Fonte: Pesquisa de campo, 2015.

5. Considerações finais

Esta pesquisa exploratória e descritiva objetivou analisar a gestão de custos e formação de preços nas pequenas empresas do segmento metalúrgico de Teresina, Piauí, seguindo as orientações da Gestão de Custos ensinadas pela academia.

As empresas entrevistadas apresentaram características comuns em sua gestão além de queixas pertinentes à sua externalidade, tais como: 1 - Alto índice de retrabalho; 2 - Baixa escolaridade dos colaboradores; 3 - Falta da cultura da inovação (pensar inovação como fator imprescindível para a competitividade); 4 - Falta de mão de obra qualificada; 5 - Falta de parceria com centros de pesquisa e desenvolvimento; 6 - Falta de planejamento estratégico; 7 - Sentimento de urgência (“tudo é pra ontem”); 8 - Sujeição a comportamentos indisciplinares de alguns colaboradores; 9 – Preocupação com os custos e precificação, porém não se predispõem aprofundar o conhecimento sobre sua correta elaboração/cálculo confiando, “cegamente”, no apoio contábil e 10 – Inexistência de capital de giro, e sempre que é necessário a empresa recorre a empréstimos bancários para honrar compromissos imediatos. Essas características configuraram-se como dificuldades para os gestores dessas empresas na gestão de custos e formação de preços.

Observou-se que apenas 8 empresas, ou seja 32% das entrevistadas, possuem um departamento para contabilidade e gestão de custos, enquanto que 17 empresas, 68%, não possuem. A responsabilidade pelos registros dos custos em 56% das empresas é do diretor administrativo/financeiro, em 28% o responsável é o contador e em 16% a responsabilidade é do gerente de produção.

Quanto a forma de registro dos custos foi identificada em 15 empresas o registro improvisado, ou seja, o responsável faz anotações em cadernos e ou papeis, mas nem sempre registra todas as informações. Em 7 das entrevistadas o registro é feito em formulários próprios e 3 das entrevistadas registram seus custos de produção irregularmente. Conclui-se que o registro dos custos ainda não é uma prática sistemática de gestão. Na maioria das empresas, 44%, não existe ferramentas para auxiliar na gestão dos custos, 40% utilizam planilhas eletrônicas e anotações para controle interno e apenas 16% utilizam um software para calcular e operacionalizar o método de custeio. Ressalva-se como principal argumento dos entrevistados, quando indagados sobre a importância de se manter um departamento exclusivo para a gestão de custos na empresa, que não é compensatório manter um departamento de custos e que as informações contábeis são suficientes para a tomada de decisões sobre custos e precificação.

Quanto ao preço de venda o critério utilizado em 40% das entrevistadas durante a transação comercial com o cliente é o de negociação caso a caso, 32% utilizam um índice sobre o custo de fabricação, 12% utilizam um índice sobre o valor da matéria prima e 16% utilizam outros critérios. Para o cálculo do preço de venda a prazo 18 empresas, 72%, negociam os valores caso a caso, 4 das entrevistadas, 16%, acrescentam encargos financeiros sobre o valor de venda e 3 delas, 12%, mantêm o mesmo preço de venda à vista.

Para a valorização dos insumos constatou-se um empate técnico entre o custo de reposição e o custo corrente (52% e 48% das empresas respectivamente). É válido salientar que as empresas costumam trabalhar com estoque reduzido de insumos pelo seu alto valor e fácil aquisição. É característica do segmento solicitar do cliente uma antecipação financeira de até 50% do valor do produto demandado por ele o que possibilita, de certa maneira, a empresa trabalhar com estoque reduzido e com estocagem mínima apenas de insumos de maior demanda.

Quanto ao método de custeio 18 das entrevistadas utilizam o custeio por absorção, 3 utilizam o método de custeio direto e 4 utilizam outros métodos de custeio. Um dado preocupante é que a maioria, 48%, analisa seus custos em períodos maiores que seis meses, chegando, às vezes, a analisar a cada 12 meses, 28% analisam trimestralmente, 12%

mensalmente e 12% semanalmente. O critério para definição do lucro utilizado em 56% das entrevistadas é a sobra de caixa, e em 16% é o conhecimento da existência de lucro sem identificar por produto e em 28% outros critérios.

Espera-se que esse trabalho contribua no despertar do empresário para implantar em sua empresa a prática de Gestão de Custos. Espera-se, ainda, que seja um veículo de orientação às pessoas que tenham interesse no setor metalúrgico e que sirva também como base de consulta para as organizações que têm essas empresas como clientes.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Ana Angélica Rodrigues. **Como mensurar o patrimônio líquido de uma empresa? Estudo das metodologias alternativas segundo a concepção da teoria da contabilidade.** Disponível em: <http://www.sinescontabil.com.br/monografias/trab_profissionais/ivconvencao/ana_angelica_ teoria_da_contabilidade.htm>. Acesso em: 25 Set. 2015

BRUNI, Adriano Leal e GOMES, Sonia Maria da Silva, organizadores. **Controladoria: conceitos, ferramentas e desafios**. Salvador: EDUFBA, 2010.

CALLADO, Aldo Leonardo C., MACHADO, Márcia Reis, CALLADO, Antônio André C., e MACHADO, Márcio André Veras. **Análise Da Gestão de Custos e Formação de Preços em Organizações Agroindustriais Paraibanas**. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: < http://www.congressousp.fipecafi.org/web/artigos52005/142.pdf >. Acesso em: 25 Set. 2015.

CARIOCA, Vicente A. **Contabilidade de Custos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012

COGAN, Samuel. **Custos e formação de preços: análise e prática**. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2013.

COLLETI, Patrícia, ABBAS, Katia, e FAIA, Valter da Silva. **Proposta de um Questionário para Identificação da Percepção dos Gestores das Empresas de Confecções em Relação às Práticas Gerenciais da Contabilidade Custos**. 25ª Semana do Contador de Maringá, 2013. Disponível em: < www.eventos.uem.br/index.php/scm/semanacontador/ paper/download/1291/936+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br >. Acesso em: 28 Fev. 2015.

ELISEU, Martins. **Contabilidade de Custos**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

EMPRESÔMETRO MPE. Disponível em: <http://empresometro.cnc.org.br/Estatisticas>. Acesso em: 28 Fev. 2015

FACULDADE BOM JESUS. **Finanças Empresariais. Coleção gestão empresarial, 4**. Curitiba: Fae Business School, 2002.

FIERGS – FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Caderno Setorial Rio Grande do Sul Metal Mecânico.** Rio Grande do Sul, 2014.

INDUSTRIA MECÂNICA BRASIL**.** Disponível em: <http://www.industriamecanicabrasil.com.br/sobre-o-brasil>. Acesso em: 04 Maio 2015.

GLOSSÁRIO LOGÍSTICO. Disponível em: <http://www.pinho.com.br/dicionario/C.htm> Acessado em: 25 Set. 2015.

INDUSTRIA METAL-MECÂNICA. Disponível em: <http://www.infoescola.com/economia/industria-metal-mecanica/> Acesso em: 28 Fev 2015.

SANTOS, Edno Oliveira. **Administração Financeira da pequena e média empresa**. São Paulo: Atlas, 2001.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE. **Gestão Financeira – Manual do Participante**. Brasília: SEBRAE, 2012.

BRASIL, Receita Federal**. Simples Nacional, perguntas e respostas, noções introdutórias**. Disponível em: <http://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/Perguntas/Perguntas.aspx> Acesso em: 28 Fev 2015.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.